

# Sarney diz que não

**CARLOS CHAGAS**

"O País não se acabará nas minhas mãos, na hipótese de eu me tornar o sucessor do presidente Tancredo Neves. Não vou deixar. O programa da Aliança Democrática resume as soluções fundamentais para os problemas que enfrentamos e será cumprido à risca."

O desabafo é do presidente em exercício, José Sarney, transmitido ontem pela manhã ao repórter, no Palácio do Jaburu. Sarney referia-se a apreensões ligadas ao clima político e à crise econômica. Tenso e amargurado, ele não quer discorrer sobre a possibilidade do desaparecimento de Tancredo Neves e não admite raciocinar sobre hipóteses. Tem a sua atenção voltada para o Instituto do Coração, em São Paulo, e denota sua preocupação cada vez que o telefone toca. Mostra-se, no entanto, disposto a arcar com o ônus, as responsabilidades e os sacrifícios que a fatalidade determinar. Jamais pensou em assumir definitivamente a Presidência da República e pretendia, como disse, encerrar sua vida pública na vice-presidência da República, ao lado de Tancredo Neves, pronto a prestar-lhe a colaboração pedida. Os fatos, porém, conduzem ao inesperado, e a esse respeito é que comenta o futuro. Se for o caso de suceder ao presidente, dispõe de rotetos, de apoio político e de firmeza de ação.

Buscará afirmar-se nas forças políticas que deram origem à Aliança Democrática, ciente de estarem definidas as prioridades de governo: combate à inflação, de maneira implacável, e, em paralelo, realizações possíveis e imediatas no campo social. Nada haveria de pior para o País, em seu entender, do que a continuação da espiral inflacionária. Sobreviria o caos, se os índices subissem ainda mais. Como sobrevirá, também, caso não se minorem as agruras das classes menos favorecidas. Por isso, mesmo no exercício da interinidade, determinou ao ministro do Planejamento, João Sayad, estudos sobre a aplicação de medidas de emergência no campo da alimentação, dos transportes, do emprego e da Habitação. Não se trata de adotar o antigo plano da Copag (Comissão para o Plano de Governo), mas de reunir os recursos disponíveis para o início do resgate da dívida social. Sabe que o empresariado compreende e apóia essa iniciativa, assim como os trabalhadores a esperam. Não julga impossível conciliar o combate à inflação com a retomada do desenvolvimento possível.

Diante de comentários sobre a atual política econômico-financeira, de contenção e austeridade, estar provocando reações, responde com clareza não haver outra política. Tem de ser assim, para o início da recuperação nacional.

Sarney não aceita críticas de estar o governo imóvel e de braços cruzados, durante a doença de Tancredo Neves. Reconhece que o funcionamento não se faz a plena carga, pela comoção do momento e até por outros fatores. Governar, para ele, não é apenas ficar usando a caneta para nomear pessoas para o segundo escalão administrativo. Não tem dúvidas de que o próprio Tancredo Neves, se estivesse no Palácio do Planalto, promoveria essas nomeações de maneira lenta e gradativa, sem açosamentos, é o que procura fazer.

Uma surpresa, para o presidente em exercício, está sendo o estado atual da máquina administrativa federal.

Ele jamais pensou que as coisas pudessem apresentar-se tão ruins e inoperantes. Não quer e não irá atirar pedras sobre o passado, mas os últimos anos geraram verdadeiro caos administrativo. Pouca coisa ainda, verifica-se superposição de atribuições, o funcionalismo é mal pago e, muitas vezes, acomodado. Decisões não chegam a se realizar, quando chegam ao final do processo. Deu instruções ao ministro Aloisio Alves, da Administração Pública, para promover imediata radiografia da situação, com diagnóstico e soluções possíveis.

E quando analisa a hipótese de crises, especialmente geradas pela ineficiência da máquina administrativa e pelas dificuldades existentes nos planos econômico e social, que José Sarney desabafo. Não permitirá que o País se esfrangalhe nem se acabe, envolto em convulsões. Com o apoio dos principais segmentos nacionais, a começar pelo Congresso e os políticos, saberá enfrentar movimentos radicais, se vierem. Não duvida nem se ilude a respeito da ação dos extremistas, interessados em aproveitar-se do quadro amargo vivido por todos em função da doença do presidente. Muito mais do que um caso de polícia ou de mera preservação da ordem, porém, trata-se de um caso social. A ser resolvido através de medidas imediatas no setor, mesmo se não forem as ideais.

Ele fala com ânimo da integração imprescindível entre o governo e as forças políticas, a começar pelo Congresso. Em sua interinidade, está prestigiando ao máximo os partidos e o Legislativo, e dessa determinação não se afastará caso precise estender sua permanência. O PMDB, para ele, é o centro e a parte mais densa da Aliança Democrática e, como tal, merecerá as atenções. Aliás, não pretende, sob hipótese alguma, deixar a legenda. Entrou para o PMDB pelas circunstâncias que todos sabem e nele encerrará sua vida pública, ao término de seu mandato. Não cogita de transferir-se para o Partido da Frente Liberal, que, aliás, não era partido ao tempo em que deixou o PDS, inscrevendo-se na legenda peemedebista. As consequências de qualquer mudança seriam terríveis. "Um presidente não muda de partido." Ainda mais ele, que não pensa disputar outro mandato...

Um assunto, mais do que os outros, constitui tabu para José Sarney: a reforma do Ministério, não pretende promovê-la, mesmo que os atuais ministros coloquem seus cargos à disposição, como se fala, se o pior acontecer, isto é, se o presidente vier a faltar. Tancredo Neves montou o atual Ministério porque julgou que, com os atuais ministros, realizaria os propósitos da Nova República. Compôs dessa forma o governo da Aliança Democrática. Nessa linha ele se manterá. No entanto...

No entanto, Sarney não afasta a possibilidade de promover os remanejamentos e as alterações que os fatos impuserem, com o passar do tempo. Aqueles que o próprio Tancredo Neves promoveria, se a tanto fosse levado.

Em suma, para o ex-senador pelo Maranhão, importa prosseguir com cautela e com firmeza. Ele não falhará, como acentua, nem permitirá que se estabeleçam o caos e a confusão. Tem dialogado permanentemente com os líderes e dirigentes do Congresso, com os chefes partidários e com as representações políticas, inclusive governadores. A Aliança Democrática estabeleceu um pacto político com a Nação, e ele será cumprido.

decepcionará País